



ANÁLISE DE EMPRÉSTIMOS SOB A ÓTICA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA A DISTRIBUTED MORPHOLOGY BASED-ANALYSIS OF LOAN WORDS

*Isabella Lopes Pederneira*¹

*Rafaela do Nascimento Melo Aquino*²

*Miriam Lemle*³

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar e apresentar a maneira pela qual palavras e construções sintáticas da língua inglesa são integradas na gramática dos falantes do português do Brasil, considerando a análise construcionista de Gramática Gerativa da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997). A análise desses empréstimos é dividida em três partes: análise de palavras simples, compostas e de criações sintáticas nativas contendo um empréstimo. A hipótese é a de que uma análise baseada em raízes que se concatenam a morfemas forneça ferramentas mais precisas para analisar a incorporação de palavras emprestadas. Os resultados obtidos através das análises de dados mostram que há um padrão no processo de naturalização dos empréstimos na língua portuguesa: palavras simples e compostas, quando aportuguesadas, trazem apenas a raiz. Os contextos sintáticos das palavras da língua de origem sejam eles construções composicionais ou idiomáticas, uma vez integrados à raiz na língua alvo, podem alterar-se livremente a ponto de tornarem-se pontos de partida para novas construções sintáticas pautadas pela gramática do português. Esses resultados de incorporação de palavras emprestadas do inglês no português confirmam a hipótese do modelo teórico da Morfologia Distribuída no que diz respeito à formação de palavras no âmbito geral.

Palavras-chave: Empréstimo; Morfossemântica de empréstimos; Construção composicional e idiomática; Novas construções sintáticas.

ABSTRACT

This study aims to analyze and show how words and syntactic structure of English are integrated into the grammar of Brazilian Portuguese speakers, considering a Generative Grammar constructionist analysis as Distributed Morphology (MARANTZ, 1997). The analysis of loan words and structure is split off into three parts: analysis of simple words, complex words and native syntactic creations containing a loan. The hypothesis is that an analysis based on roots merging morphemes provides more precise tools to analyze an incorporation of loan words. It can be noted that there are recurring regularities in the integration of loan words into Portuguese language: simple and compound words, when they become Portuguese words, they import only the root. The syntactic contexts of words from the source language are either compositional or idiomatic constructions, once integrated into the root in the target language, they can change and become a starting point for new syntactic constructions driven by the Portuguese grammar. These results of incorporation of loan words from English into Portuguese confirm the hypothesis of the theoretical model of Distributed Morphology as regards word formation in the general scope.

Keywords: Loan words; Morphological adaptation; Compositional and idiomatic constructions; New syntactic constructions.

1 Professora Adjunta, Departamento de Letras Vernáculas/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, isabellapederneira@letras.ufrj.br

2 Doutoranda em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística/Universidade Federal do Rio de Janeiro. rafaelanmaquino@ufrj.br

3 (In Memoriam) Professora Titular Emérita. Programa de Pós-Graduação em Linguística/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

Quando duas línguas entram em contato, as palavras podem ser emprestadas de uma língua para outra. Os empréstimos lexicais são, de longe, o fenômeno de contato entre línguas mais comumente atestado. Thomason (2001), por exemplo, afirma que, invariavelmente, em uma situação de empréstimo, os primeiros elementos estrangeiros a entrarem na língua de empréstimo são palavras e, com base em uma pesquisa interlinguística de empréstimos lexicais em 41 línguas, Haspelmath (2009) afirma que provavelmente nenhum idioma no mundo é totalmente desprovido de empréstimos.

Os empréstimos podem ser estudados a partir de diferentes perspectivas, focalizando diferentes submódulos da gramática. Além disso, são fenômenos importantes, pois apresentam evidências para a nossa compreensão sobre a estrutura gramatical das línguas e para a teoria da mudança linguística do ponto de vista gerativista. Algumas das principais questões que surgem no estudo dos empréstimos incluem: definição; capacidade de empréstimo; surgimento e adaptação; estratificação lexical; e papel dos fatores extralinguísticos.

Neste artigo, o objetivo é analisar os mecanismos pelos quais palavras do inglês se integram à gramática dos falantes nativos do português brasileiro, a fim de verificar os mecanismos de formação de palavras envolvidos nesse processo. A fundamentação teórica é a Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997, HARLEY; NOYER, 1999), uma vertente da gramática gerativa cuja característica essencial é a extensão da sintaxe até dentro das palavras com base na observação empírica de que existem palavras complexas cuja complexidade inclui mecanismos tais como os encontrados na sintaxe de sintagmas e sentenças, como concatenar, copiar e mover. O fenômeno que queremos compreender é aquele em que, na interação entre pessoas que falam línguas diferentes, peças lexicais que pertencem a uma língua A e pautam-se pela gramática da língua A, ou seja, o mecanismo mental dos falantes dessa língua, ao serem tomadas de “empréstimo” pelos falantes da língua B, serão integradas nas computações linguísticas da gramática que está na mente desses falantes.

A proposta deste estudo é a de fazer um levantamento de dados de empréstimos no português brasileiro de palavras e expressões do inglês, comparando o estatuto gramatical e os significados na língua de origem e no português. Para efetuar essa tarefa, buscamos os dados no Google e em diferentes dicionários, sendo os principais o *Dicionário Aurélio* para o português e o *Oxford Dictionary of English* para o inglês. Houve também, para exemplos do português, o uso da introspecção.

Neste trabalho, as propriedades relevantes das palavras e expressões no ponto de partida e no ponto de chegada (língua-alvo, português) serão a forma fonológica, os contextos sintáticos, a categoria gramatical e a leitura semântica dessas formas. O conhecimento da forma fonológica da palavra em inglês estará sendo assumido, e a transcrição ortográfica é a que será

utilizada, considerando que o leitor seja capaz de recuperar a representação fonética a partir da ortografia. Aliás, estaremos assumindo que a representação mental da palavra estrangeira, ou melhor dizendo, ex-estrangeira, pelos falantes brasileiros, já está adaptada à fonologia do português, ainda que, na escrita, algumas vezes, a ortografia não esteja foneticamente adaptada ao português.

Desta maneira, através desta metodologia de análise e fundamentação teórica, acreditamos que será possível fornecer pistas de como ocorrem as adaptações dos empréstimos lexicais através dos recortes morfológicos de palavras e expressões e de como são negociados e renegociados significados em casos de palavras e expressões emprestadas.

Fundamentação teórica

A fim de compreender a incorporação de palavras emprestadas, considerando que as línguas particulares possuem mecanismos particulares de formação de palavras, é preciso que tenhamos uma separação conceptual muito clara entre as noções de palavra e raiz, já que se tratam de conceitos-chave para o entendimento dos mecanismos de incorporação e formação de palavras novas nas línguas.

Na Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994, MARANTZ, 1997; HARLEY; NOYER, 1999, entre outros), a primeira ideia importante é que a separação entre morfologia e sintaxe fica obliterada, com a sintaxe passando a ser considerada como prosseguindo até “lá embaixo”, nos nós terminais, no interior das palavras. A primeira justificativa disso é a composicionalidade semântica de palavras complexas, tais como *indivisibilidade*, *modernização*, *contabilizar*, *nacionalismo*. A segunda justificativa é a possibilidade de a leitura semântica incidir em uma fase tardia na derivação de uma palavra. Por exemplo, a estrutura do nome “safadeza” é [[[safa]vd]aeza]n. Existe uma idiomatização na camada do adjetivo “safado” em relação ao verbo “safar”, mas a relação semântica entre o nome “safadeza” e o adjetivo “safado” é composicional. Vemos, assim, que leituras composicionais e leituras idiomáticas (ou não composicionais) podem até mesmo alternar no interior de uma mesma palavra. Esse tipo de exemplo constitui uma forte evidência de que a sintaxe vai até o interior das palavras e que essas não são as menores peças nas quais os significados arbitrários recaem, sendo necessário assumir que há a possibilidade de arbitrariedade em peças abstratas menores (MARANTZ, 1997, 2001, 2013).

Na MD (MARANTZ, 1997, 2001), defende-se que a negociação do significado em palavras ocorre quando o primeiro morfema categorizador é juntado à raiz. Desse modo, outra conclusão importante da teoria diz respeito à afirmação sobre o que precisa ser listado: peças morfossintáticas abstratas, itens de vocabulário e palavras com significados especiais. Nesse sentido, na MD assume-se um modelo de gramática no qual não há uma separação entre o Léxico pré-sintático (i.e repositório de itens lexicais utilizados pela sintaxe) e a sintaxe, como em

modelos lexicalistas da Gramática Gerativa. As informações necessárias para o preenchimento da estrutura sintática gerada pelo sistema computacional estão alocadas em diferentes listas. Tais listas são acessadas por esse sistema em diferentes momentos da derivação. Passaremos, a seguir, a ilustrar cada uma dessas três listas.

A Lista de *peças morfossintáticas abstratas* (Lista 1) é aquela em que estão contidos os morfemas abstratos com os quais a sintaxe opera. Esses morfemas são divididos em traços funcionais abstratos e raízes. Os traços abstratos presentes na Lista 1 possuem feixes de traços sintático-semânticos disponibilizados pela GU (Gramática Universal). Dessa maneira, essa Lista é necessária para dizer que há algo em comum entre “cantava”, “comia” e “punham”: o tempo expresso em cada uma dessas formas verbais, o imperfeito do indicativo. Outros exemplos de traços abstratos são: pessoa, número, gênero, caso, nominalizadores, verbalizadores, adjetivadores, apassivador etc. É importante ressaltar que esses itens abstratos não carregam informações fonológicas, sendo preenchidos somente por traços sintáticos, semânticos e morfológicos.

Nessa lista, conforme Marantz (1997), também são listadas as raízes. Assume-se, então, que *raízes* são peças atômicas, esvaziadas de informações sintáticas ou funcionais, cuja realização fonológica ocorre em um estágio mais tardio da derivação (*late insertion*). (MARANTZ, 1994; ARAD, 2003 etc.). Nesse sentido, pelo fato de as raízes não serem definidas pela sua classe gramatical, podem ocorrer em diferentes contextos sintáticos e, assim, receberem diferentes interpretações. Para isso e para que as raízes possam ser inseridas na derivação, portanto, é necessário relacioná-las sintaticamente a um nó categorizador (*n*, *v* ou *a*). (HALLE & MARANTZ, 1994; MARANTZ, 1997, 2001; HARLEY & NOYER, 1999; EMBICK & NOYER, 2007).

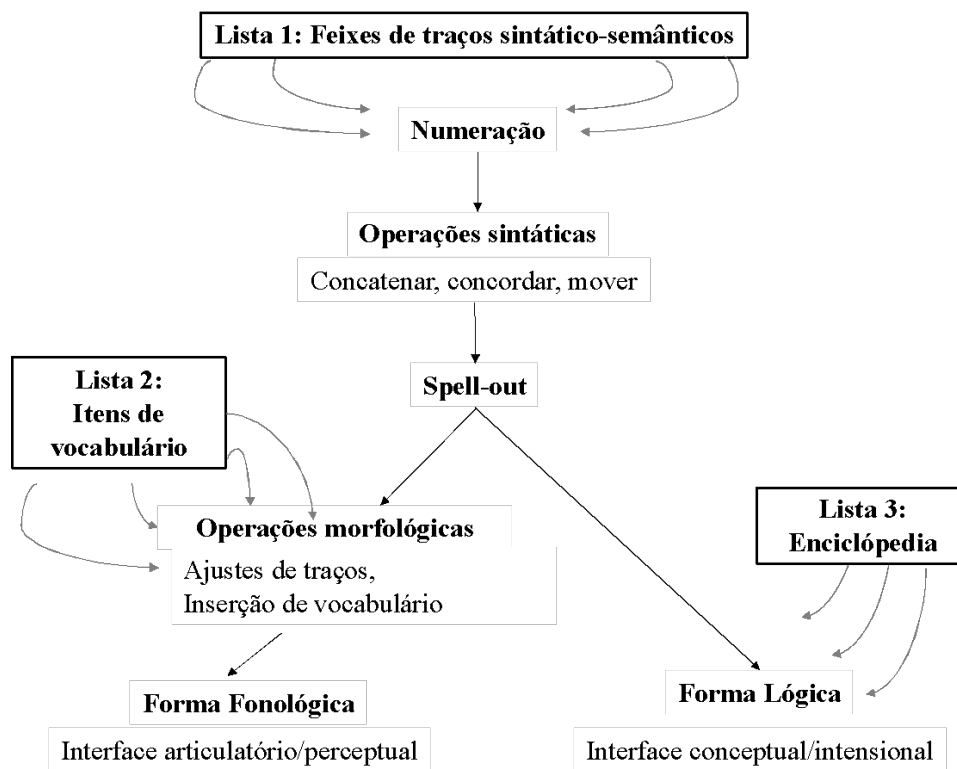
Diante disso, diferentemente das assunções de modelos lexicalistas (e.g. CHOMSKY, 1995), o modelo não lexicalista da MD afirma que as palavras não saem de um Léxico pré-sintático dotadas de todos os seus traços fonológicos, formais e lógicos, mas são geradas sintaticamente, de modo que as peças morfossintáticas abstratas são concatenadas no decorrer da derivação sintática, e os traços morfossintáticos e semânticos que os nós terminais carregam consigo funcionam como instruções para os traços fonológicos inseridos a partir do acesso à lista 2. (HALLE & MARANTZ, 1994) Essa hipótese é pautada pelo axioma da *Inserção Tardia*, segundo o qual a expressão fonológica dos nós funcionais ocorre pós-sintaticamente.

A segunda lista (Lista 2) contém as peças vocabulares (ou *Itens de Vocabulário*) que representam fonologicamente os itens da Lista 1, como, por exemplo, o *-va* em *cantava*, o *-s* em *bolas*, o *-eza* em *beleza*, o *-mento* em *pagamento*, *-izar* em *martirizar*, o *a-* inicial em *amaciar*, o *-inha* em *casinha* etc. Essa lista é acessada quando a estrutura sintática é enviada, após o *spell-out*, para a PF.

A Lista 3, a *Enciclopédia*, descreve as informações sobre o mundo exterior, associadas a peças lexicais e expressões, como, por exemplo, *caninha*, *salpicão*, *competência*, *passar*,

levar, banho-maria, chutar o balde, cara de pau. Esse modelo teórico pode ser representado graficamente como na figura abaixo:

Figura 1: Modelo de gramática da Morfologia Distribuída



Fonte: Harley (2012, p. 2153)

Esse modelo, embora descreva as conexões entre diferentes estágios da geração de sentenças, não deve ser interpretado literalmente como um retrato da ordem dos eventos dentro do nosso cérebro. O modelo pressupõe que os traços abstratos sejam a matéria-prima da sintaxe. A formação de uma sentença é chamada de “derivação”, um termo teórico que descreve um processo gerativo que conduz a formação das unidades da língua. É importante compreender que as operações sintáticas inscritas no modelo acima da Lista 1 lidam com objetos abstratos. A seta à esquerda representa o caminho para a implementação fonológica desses traços abstratos (*spell-out*). A conexão entre a Lista 1 e a Lista 2 é justamente a concretização fonológica ou gestual (em língua de sinais) dos traços abstratos. A seta que leva da Lista 1 à Forma Lógica representa a construção da parte dos significados que depende apenas da informação estrutural. Por exemplo, tomemos o PP [Ni de Nj]. Essa estrutura é gramatical. No entanto, se a preenchemos com [N+concreto de N+animado] teremos a leitura de posse, ou seja, Nj possui Ni, como no PP “casa de João”. Mas, se a preenchemos com [N+concreto de N+substância], a leitura será Ni é composto de Nj, como em “casa de madeira”. É importante notar que as restrições de posse ou composição física da matéria transcendem a gramática, ou seja, a gramática gera formas que não podem ser adequadamente usadas devido a fatores extralinguísticos (comparar *casa de João* com *casa de vento*; *casa de madeira* com *casa de água*).

No que diz respeito ao estudo dos empréstimos de palavras do inglês para o português, consideraremos que a peça importada é uma pura raiz e, no português, fazemos a categorização

e as operações gramaticais pertinentes à formação de palavras do português. É importante ressaltar que essas categorizações que ocorrem na língua-alvo podem ser fonologicamente nulas. A parte interessante deste estudo é justamente ver os mecanismos gramaticais que acontecem no português a partir dessas raízes importadas.

Nas próximas seções mostraremos diferentes exemplos dos possíveis mecanismos linguísticos para a integração da palavra emprestada na língua alvo. Na seção 2 – Reduções na variação de classes morfológicas –, a seguir, observaremos empréstimos cujos contextos sintáticos foram reduzidos no português. Na seção 3, os exemplos terão como foco a observação do comportamento morfossintático dos empréstimos de adjetivos. Na seção 4, veremos casos de palavras reidiomatizadas, ou seja, que receberam um novo significado arbitrário, desconsiderando possíveis peças morfológicas da palavra emprestada. Na seção 5, mostraremos casos de empréstimos em que os nomes foram verbalizados e como ocorrem essas verbalizações em termos de morfemas e peças vocabulares necessárias. Na seção 6, veremos casos de empréstimo da estrutura sintática [n+n]. Na seção 7, apresentaremos brevemente empréstimos de advérbio. Para finalizar o artigo, na seção 8, apontamos as nossas considerações sobre os conjuntos de exemplos apresentados, bem como suas reverberações em termos teóricos e de como podemos entender um pouco melhor o mecanismo de empréstimo de palavras através da Morfologia Distribuída.

Reduções na variação de classes morfológicas

Em todas as línguas, existem famílias de palavras que consistem em conjuntos de palavras que compartilham a mesma raiz, como em *gerar*, *gerativo*, *gerativismo*, *geração* e *gerador*. O propósito deste estudo é verificar a dimensão da correspondência entre palavras em português e inglês com compartilhamento interlinguístico de raiz perceptível para o falante da língua alvo. Alguns exemplos têm como fonte o trabalho apresentado por Jotta (2012). O primeiro grupo de empréstimos caracteriza-se pela redução dos contextos sintáticos na passagem do inglês para o português:

Look

No inglês, *look* aparece nos contextos de verbo: *He looked at me* (ele olhou para mim); *He looks tired* (ele parece cansado) e nos contextos de nome: *Let me take a look at this page* (deixe-me dar uma olhada nesta página); *He throwed a bad look at me* (ele me olhou com cara feia); *this navy look is amazing* (esse look de marinheiro está legal).

No português do Brasil, porém, somente um dos contextos sintáticos nominais foi aproveitado do inglês, o com significado de moda. Em relação ao comportamento morfossintático, a palavra *look* combina-se com o *-s* de plural e com o sufixo diminutivo *-inho/-zinho*, como no exemplo achado no Google “*Vou montar um lookezinho com ele no final de semana*”. A morfologia desse uso do empréstimo – o sufixo diminutivo – evidencia que a palavra já faz parte do léxico do português.

Paper

O nome *paper* em inglês é usado em diferentes condições: *the boy made a paper airplane* (o menino fez um avião de papel) e *He wrote a paper about Greek verbs* (ele escreveu um artigo sobre verbos do grego). Esse mesmo nome foi verbalizado em inglês: *I will paper my bedroom wall* (vou colocar papel de parede no meu quarto).

Em português, o vocábulo *paper*, conforme o *Dicionário Aurélio*, foi importado a partir de apenas uma das suas estruturas em inglês: a nominal com leitura de *artigo acadêmico*, como exemplificado pela sentença *o paper é produzido para divulgar resultados de pesquisas científicas*⁴. As evidências de que o vocábulo *paper* foi incorporado no português brasileiro estão no fato de que há pluralização “*os papers*” e formas diminutivas, como em “*ficamos tentados a escrever um paperzinho sobre aquele capítulo*”⁵.

Slide

No inglês, os contextos nominais dessa forma podem ter os significados profundamente relacionados às diferentes noções do verbo *slide* em sua base, como, por exemplo, a noção *escorregar* no contexto *I put my two year-old on the slide; he went frmmmm!*⁶ (Eu coloquei meu filho de dois anos no *escorrega*, e ele, zum!).

No português, no entanto, o vocábulo *slide* ocorre em um contexto nominal, significando ‘página destinada à projeção’ ou ‘imagem fotográfica destinada à projeção’, sem a noção de ‘escorregar’. Nesse caso, notamos com a análise da falta de conteúdo eventivo no vocábulo em português que, diferentemente do que ocorre na língua inglesa, a forma *slide* em português não apresenta uma estrutura complexa do nome *slide* formado a partir do verbo *to slide*, configurando-se, portanto, como uma palavra gerada por uma nova raiz. Além disso, é possível através das formas pluralizada e diminutiva observar que, assim como os exemplos anteriores, o vocábulo *slide* já faz parte do PB vernacular. Observe esses casos nos contextos sintáticos “10 Dicas do PPT para tornar seus slides mais eficazes”⁷ e “Por isso criamos esse slidezinho explicando os melhores cuidados que você pode ter com seu cap.”⁸

Feeling

Em inglês, o verbo *to feel* possui o nome derivado *feeling*. Em inglês, o nome *feeling* tem significado abrangente (sentimento, pressentimento, sensibilidade). No entanto, em português

4 Exemplo retirado de <https://sosmonografias.webnode.com.br/news/paper-o-que-e-e-como-fazer/> em 29 dez. 2020.

5 Exemplo retirado de <https://www.scielo.br/pdf/rae/v42n1/v42n1a09.pdf> em 26 mai. 2021.

6 Exemplo retirado de <https://pt.bab.la/dicionario/portugues-ingles/slide> em 29 dez.2020

7 Exemplo retirado de <https://fabricadecursos.com.br/blog/academia-143-10-dicas-do-ppt-para-tornar-seus-slides-mais-eficazes/> em 01 jun 2021

8 Exemplo retirado de <https://capishcaps.com/modo-de-uso/> em 01 jun 2021

esse nome ocorre com uma abrangência semântica muito menor do que a do inglês, uma vez que o nosso *feeling*⁹ significa ‘pressentimento’¹⁰ e não as demais possibilidades do nome em inglês. A forma diminutiva no exemplo “Tô com um feelingzinho de que *Os 7 de Chicago* vai levar o Oscar de Melhor Filme¹¹” demonstra que esse vocábulo já faz parte do português vernacular.

Flash

A palavra *flash* em inglês tem possibilidades de categorização como nome, verbo e adjetivo, além de ter significados variados (e.g. “brilhar”, “agir”, “instante”, “jato de luz”, “o momento” etc.). Em português, contudo, a palavra *flash*¹² foi importada somente como nome e possui os seguintes significados: o de “luz forte para fotografia”, como na sentença “Desliguem o *flash* da câmera quando forem tirar foto”, o de “memória súbita” como em “as lembranças vieram como flashes” e, no campo jornalístico, o de ‘uma notícia rápida’.

Closet

Em inglês, o nome *closet* (quarto fechado/pequeno para guardar coisas, geralmente roupas¹³) é derivado do verbo *to close* (fechar), apresentando, então, a seguinte estrutura morfossintática: $[[\sqrt{v} + v]v n]n$. Em português, no entanto, o nome *closet* não tem verbo em sua estrutura, sendo uma palavra gerada pela concatenação da raiz emprestada \sqrt{CLOSET} e um nominalizador não realizado fonologicamente: $[\sqrt{v} + n]n$, e só tem a leitura de “armário embutido”. Esse vocábulo, assim como outros nomes do português vernacular, também ganha forma pluralizada: “Closets de gesso são práticos para ganhar espaço”¹⁴ e forma diminutiva: “Com 110 m atrás da cama dá para fazer um closetzinho.”¹⁵.

Script

A palavra *script* é de origem latina (*scribo*), mas chegou ao português via inglês e a evidência está na forma fonético-fonológica e na escrita. Palavras derivadas do latim com *onset s-* foram incorporadas adaptadas à fonologia do português, como em *scribere* – escrever. A língua inglesa faz

9 Exemplo retirado de: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/entenda-o-que-e-feeling-e-seu-papel-na-tomada-de-decisoes/> em 26 mai. 2021

10 Conferir entrada no *Dicionário Priberam*: <https://dicionario.priberam.org/feeling>

11 Exemplo retirado de https://twitter.com/_PedroGuedes_/status/1369350702632468483 em 01 jun 2021

12 Conferir entrada no *Dicionário Priberam*: <https://dicionario.priberam.org/flash>

13 Conferir entrada no Cambridge Dictionary: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/closet>

14 Exemplo retirado de: <https://www.vivadecora.com.br/revista/closet/> em 1 jun 2021

15 Exemplo retirado de: https://ko-kr.facebook.com/SimplesDecoracao/photos/pb.340679475968065.-2207520000../3694709747231671/?type=3&eid=ARC0K5w_czdK2yYAFzdQ96hqjwQ3ISZgNVm2WdenAb-nOdeUrc74Ra8KWucZnM7ql6LROQcUnOA-J9r7 em 1 jun 2021

uso do nome *script* com a noção de fonte; e foi criado um verbo a partir deste nome, como em *it was perfectly scripted and beautifully acted* (isso foi perfeitamente transcrito e muito bem representado).

A língua portuguesa privilegia a noção de organização de eventos, falas ou partes de um texto. O verbo *scriptar*, derivação do nome *script*, já está sendo usado no jargão de bloggers e twitters. Observamos, nesta seção, que, no conjunto morfológico de famílias de palavras emprestadas, não é necessário que a língua-alvo importe todo o conjunto de formações e usos possíveis da raiz *scrib-/script-*. O fato de termos sintaxe nas palavras facilita que as novas concatenações de morfemas e peças vocabulares possam apresentar categorizações com significados diferentes a cada nova formação.

Se, nesta seção, nosso foco de apresentação de dados foi mais abrangente, mostrando como as categorizações de raízes ocorrem na passagem de uma língua para a outra, na próxima, mostraremos, mais especificamente, como se comportam os adjetivos, quando o foco é o fenômeno extralinguístico do empréstimo.

Empréstimo de adjetivo

Nesse grupo apresentamos exemplos de adjetivos emprestados. Dentre esses casos, no que diz respeito ao comportamento morfossintático desses vocábulos, observamos a possibilidade de manutenção da posição prenominal e a adequação às regras gramaticais do português para os adjetivos. Vamos aos exemplos:

Big

No inglês, *big* aparece em contexto de adjetivo (*big nose* – nariz grande) e advérbio, como em *failed big at the box office* (se frustrou muito na bilheteria). No português, o adjetivo *big* preserva a função de modificador que tinha na língua de origem, como em: foi uma *big* decepção, *big* (de um) problema, *big* festa, *big* porre e *big*s peitos. É importante ressaltar que, embora a posição sintática seja mantida, o adjetivo, quando incorporado à morfossintaxe do português, adquire as marcas de adjetivo da língua portuguesa, podendo ser pluralizado, como o exemplo “*big*s peitos” demonstra.

Diet

Na língua inglesa a palavra *diet* aparece em contexto nominal como em *My doctor ordered me a special diet* (meu médico me recomendou uma dieta especial), e também adjetivo, como em *A diet coke, please* (uma coca dietética, por favor). Há também o verbo *diet*: *how to diet properly* (como fazer dieta adequadamente).

Na língua portuguesa, a palavra entrou somente como adjetivo, como em “*Dois guaraná*s diets”. Nesse caso, o adjetivo não mantém a posição pré-nominal, como na língua de origem e conforme observamos no exemplo anterior, mas adquire as propriedades gramaticais dos adjetivos dessa língua.

Light

A palavra *light* em inglês funciona como nome, verbo e adjetivo, como visto, respectivamente, nos sintagmas “*the light of the sun*” (a luz do sol), “*only one of the table lamps was light*” (somente a lâmpada da mesa estava *acesa*.), “*the bedrooms are light* (os quartos são iluminados)”. Como adjetivo, esse vocábulo apresenta diferentes significados na língua inglesa: *iluminado, leve, fácil* etc.

Em português, o item *light* está como adjetivo, como se pode ver pelo uso: *Eu só tomo bebidas lights*, e o significado atribuído a ele diz respeito a *um ingrediente reduzido em algum alimento*. No caso do exemplo apresentado, o adjetivo indica que o valor calórico da bebida é mais baixo que o normal. Há ainda a possibilidade do significado *leve/fácil* para *light*, em português brasileiro, como no exemplo *hoje a aula vai ser bem light*.

Show

Em inglês, a palavra *show* funciona como verbo e nome. O empréstimo *show*, no português, aparece na sua forma nominalizada, e é combinado com os sufixos *-aço* e *-inho/-zinho*, como em: que *showzaço*, foi um *showzinho*, ela vai dar um *showzinho*; nessa última frase *showzinho* tem um valor semântico idiomático, pois não denota o período do *show*; nesse caso, *showzinho* significa *dar chiquete, fazer barraco*. O salto do nome para adjetivo já ocorreu, como podemos constatar pelo exemplo tirado do Google: *uma camiseta mais show que a outra*.

O mais interessante aqui é notar o quanto as categorizações nas formações de palavras emprestadas também sofrem alterações, quando passam a fazer parte da gramática da língua-alvo. As categorizações de adjetivos observadas acima possuíam, na língua de origem, uma variação muito maior de contextos gramaticais possíveis, muito em função de como a língua inglesa implementa fonologicamente os morfemas. Ao contrário do que o senso comum poderia julgar, os empréstimos não são uma submissão da língua-alvo à língua de origem dessas palavras, já que, como temos observado até agora, a incorporação dessas palavras passa, necessariamente, pelas regras do português, tornando, inclusive, uma palavra em uma mera raiz, para que ela integre a gramática da língua. Se do ponto de vista da implementação fonológica de peças morfológicas podemos observar a sistematização proposta pela Morfologia Distribuída, o que podemos dizer sobre a negociação semântica de palavras emprestadas? Na próxima seção, observaremos como esse fenômeno pode ser abordado, seguindo o mesmo modelo e metodologia de observação e análise dos dados.

Reidiomatizações

As construções linguísticas tais como palavras, sintagmas ou sentenças podem ter significados composicionais ou idiomáticos. Dizemos que os significados são composicionais,

quando são resultado de cálculo regular de suas partes componentes. Por outro lado, temos os significados idiomáticos, quando o resultado não é calculado item a item morfológico ou sintático. Por exemplo, a palavra *restaurante* não é regularmente derivada do verbo *restaurar*. Pode-se, nesse caso, assumir que o primeiro categorizador do nome *restaurante* é o nominalizador *-nte*, desconsiderando a camada verbal. Nesse caso, temos uma idiomatização.

Esta maneira de negociar significados é a mesma que observamos em expressões idiomáticas, tais como *pendurar as chuteiras*, quando significa *aposentar-se*. No que diz respeito aos empréstimos, além de haver a redução de categorização vista nos exemplos acima, podemos ainda observar casos de uma especialização semântica, que chamamos aqui de “reidiomatização”, inexistente em inglês e totalmente específica e licenciada no português, conforme, dentre outros muitos exemplos, alguns que selecionamos abaixo demonstram.

Point

Essa palavra funciona, em inglês, como nome e verbo. Em português, no entanto, o empréstimo atingiu somente a palavra na categoria de nome, e, já nessa língua, ela recebe o significado de *lugar socialmente muito conhecido e frequentado*, que não existe em inglês, conforme demonstrado pelo exemplo “Esse restaurante é o melhor point da cidade”.

Night

Em inglês, a raiz da palavra *night* ocorre em estrutura nominal e em contexto adverbial, conforme os exemplos *a moonless night* (uma noite sem luar) e *investments that won't keep us awake nights with worry* (investimentos que não nos deixarão acordados à noite com preocupação)¹⁶ demonstram. Em português, o empréstimo do nome foi instanciado com o significado ‘noitada’, que não existe em inglês, como o exemplo “Pra você que gosta de curtir, dançar e beber na night”¹⁷ demonstra.

Outdoor

Em inglês, *outdoor* é um adjetivo cujo significado é *ao ar livre*, como demonstra a expressão *outdoor restaurant* (restaurante ao ar livre). Em português, a expressão *outdoor advertising* (propaganda ao ar livre) tem a sua estrutura sintática reanalisada: modificador-núcleo para núcleo-modificador, e somente a raiz de *outdoor*, que passa a ser classificada como nome, é mantida. O empréstimo do adjetivo foi instanciado em português como nome com significado *cartaz de rua*, inexistente em inglês.

16 Exemplo retirado do Google.

17 Exemplo retirado de <https://www.londrinatur.com.br/noticia/principais-baladas-em-londrina/> em 1 jun. 2021

Esses exemplos nos dão clareza sobre o lugar da negociação do significado de palavras, que é bem delineada na Morfologia Distribuída. Na regra geral, o ponto de incidência da arbitrariedade saussureana é quando há a concatenação da raiz com o primeiro morfema categorizador. A consequência disso é que as palavras acima, quando inseridas em um contexto de categorização sintático-morfológica na língua portuguesa, podem ter seus significados renegociados, resultando em idiomatizações e reidiomatizações.

Na próxima seção, o foco será na formação de palavras complexas, tais como os verbos denominais, sendo os nomes emprestados do inglês, formando verbos com peças vocabulares do português.

Empréstimos do inglês com verbalização dos nomes

Este fenômeno, mais uma vez, ratifica a importância dos mecanismos gramaticais na incorporação e formação de palavras novas. Veremos que os critérios e ferramentas de formação são os mesmos encontrados em qualquer nova formação de palavras, como as que encontramos em Guimarães Rosa em palavras como *brincação* e *tratantagem* (SILVA, 2011). Essas palavras, ainda que tenham processos de formação distintos: enquanto, em *brincação*, há uma troca de sufixo, ou seja, o item de vocabulário aplicado para implementar fonologicamente o morfema nominalizador foi alterado; em “*tratantagem*”, há uma extensão do uso do sufixo *-agem* a uma base com a qual não era usado. A forma *tratante* não é nominalizada por *-agem*, mas essa possibilidade é prevista na língua.

A troca do item de vocabulário a ser usado para implementar o categorizador nominal em “*brincação*” segue um modelo bastante produtivo, como vemos em:

[[[brinc]√ a]v ção]n

[[[malh]√ a]v ção]n

[[[separ]√ a]v ção]n

Guimarães Rosa teve, neste caso, a percepção de que o sufixo *-ção* aparece no mesmo contexto sintático do sufixo *-(d)eira*, como vemos em [[[chor]√ a]v deira]n

[[[beb]√ e]v deira]n

[[[cans]√ a]v eira]n

Essa alternância de sufixo na geração de nomes deverbais só é possível por conta da identidade de estrutura sintática. Ao perceber isso, o autor teve a possibilidade de inovar. Diante dessa regra operacional, podemos repeti-la, recriando as palavras acima com a troca de sufixo, de modo que as formas *choração*, *bebeção* e *cansação* sejam possíveis, com especificidades de significados coerentes com uso na obra do autor e no português brasileiro. As descobertas

morfológicas de Guimarães Rosa não só permitiram a ele saber quais formas criar, mas também quais formas não criar. A troca do sufixo *-eira* pelo sufixo *-ção* não seria possível num contexto em que o nominalizador se prenda a um adjetivo, uma vez que a tal base pode-se ligar *-eira*, mas não *-ção*. Assim, formas agramaticais como as apresentadas a seguir não ocorrem nas obras do autor: **doidação*, **malucação*. O mesmo processo observamos no fenômeno de empréstimo de palavras e expressões.

Backup

Na língua inglesa, a unidade complexa *backup* está nominalizada, e significa ‘suporte extra’, cobrindo também a noção de ‘cópia de segurança do computador’. Esse nome pode ser verbalizado como em *include the Information Store that I already backed up at another DAG backup* (inclua o armazenamento de informação que eu já becapeei em outro backup DAG).

Para o português, foi trazido somente o nome *backup* com o significado de ‘cópia de segurança do computador’, e, no português, esse nome ganhou gênero masculino, pode ser usado no plural, como em *Eu fiz três becaques hoje*, e foi gerado o verbo *becapear*, como em: *Já becapeou esse capítulo?* E o particípio com valor adjetivo, como em *meus arquivos foram becapeados*.

Upload

Em inglês, o verbo *to upload* significa *transferir dados do computador para a internet*. Esse verbo foi nominalizado e significa *transferência de dados do computador para a internet*. Em português, o nome *upload* foi o primeiro a chegar, significando ‘postagem e armazenamento de arquivos na internet’. O verbo *upar* já é encontrado em português, e significa *postar algo na rede*, como em: *como upar uma foto no Twitter?* Precisamos ainda entender o motivo da forma verbal utilizada no português ser *upar* e não *uploadear*, já que temos na língua formas como *downloadear*, proveniente de *download*. Talvez pela falta de consciência da composição de duas palavras *up + load*.

Upgrade

Na língua inglesa, o verbo *to upgrade* é usado comumente no contexto de computação, significando ‘atualizar’ um aparelho eletrônico ou software. O verbo *upgradear* foi encontrado no Google e utilizado com os argumentos: *programa de computador*, *guitarra* e *vida*. O particípio passado desse verbo concorda com o sujeito em gênero e número, como qualquer outro adjetivo da língua portuguesa, como em *computadores upgradeados*.¹⁸

18 Exemplo retirado de: <https://www.hardmob.com.br/threads/685644-Luluzinha-Club-Computador-All-in-One-Lenovo-AIO-510-Intel-Core-i3-4GB-1TB-R-227900> em 26 mai. 2021.

Check-up

Em inglês o nome *check-up* (análise aprofundada), é derivado do verbo *to check* (analisar, checar). Em português, já surgiu o verbo *checapear*, conforme o modelo de pares do tipo *lisonja/lisonjejar*, *bronze/bronzear*, *bronca/bronquear*, *capa/capear*, *par/parear*. O uso do sufixo *-ear* (repetição do evento) na forma verbal desse empréstimo revela que houve consciência pelo falante de português de que um *check-up* é constituído por um conjunto de exames médicos.

Drink

Na língua inglesa o verbo *drink*, quando em contexto transitivo, significa *beber qualquer bebida*, e, quando intransitivo, significa *ingerir bebida alcoólica*: *I drink coffee every morning* (eu bebo café todas as manhãs); *he drinks a lot* (ele bebe muito). *Drink* como nome significa bebida ou bebida alcoólica, segundo o contexto. No contexto sintático *have a drink*, o nome *drink* significa bebida alcoólica. A partir dessa análise, podemos dizer que foi a partir deste contexto de uso - *have a drink* (que implica bebida alcoólica) - que surgiu o nome *drink* na língua portuguesa.

Link

A regência do verbo *to link* em inglês é DP _ to DP, e significa ‘ligar, conectar’. O nome *link* significa ‘ligação, conexão’. Em português, o nome *link* foi o primeiro a chegar, significando um endereço encontrado somente na internet ou ‘ligação’ de maneira geral, como em *link de ideias*. O verbo *linkar* já é encontrado em português, e, diferentemente do verbo *link* no inglês, significa ‘postar algo na rede’, como em *Vamos linkar tudo para o youtube*.

Scanner

Na língua inglesa o verbo *to scan* (decompor, esquadrihar, escandir) é nominalizado pelo sufixo *-er*, e o nome recebe uma leitura composicional – qualquer aparelho que decomponha ou esquadrinhe. Em português, a primeira importação foi a do nome *scanner* (somente para impressora), e o verbo *escanear* veio depois, já que existe uma marca verbal acrescentada ao nome *scanner*, significando *captar imagens no scanner para enviá-las ao computador*, um significado bem mais restrito do que aquele do verbo *scan* em inglês.

Spray

A palavra fonológica *spray* em inglês é categorizada como verbo, correspondendo ao significado *ejetar líquido no ar sob pressão na forma de pequenas gotas*, ou seja, *borrifar*. Recategorizada como nome, significa composicionalmente, *o resultado do ato de borrifar*, ou seja, o esguicho.

O empréstimo *spray* em português foi feito somente a partir do nome em inglês. Esse nome, em português, significa ‘qualquer líquido esguichado no ar’, para fins de distribuir protetor solar, manter os cabelos em ordem, imobilizar infratores com *spray* de pimenta, molhar plantas, matar insetos. No Google, foram encontrados diversos exemplos de *espreiar* com significado distinto do verbo *spray* em inglês, como em receita culinária: *espreiar um tabuleiro com um pouco de manteiga; vou espreiar um pouco de sabonete líquido na minha mão*. O evento no mundo representado no verbete de *spray* em inglês e o evento no mundo representado no verbete de *espreiar* não são iguais: as *gotículas sob pressão* do inglês desaparecem, e persiste apenas a noção de *espalhar* substituindo a de *esguichar*.

Trash

O empréstimo nominal de *trash* teve como ponto de partida o componente nominal do inglês *trash*. Em português esse nome é utilizado para se referir a bares populares ou tipo de roupa. O verbo *trashear*, por sua vez, se distancia desse significado, passando a significar divertir-se nesse tipo de lugar *trash*.

Podemos notar que está sendo revelado um padrão nos empréstimos. Quando na língua inglesa existe um par tal que um verbo fica nominalizado, e o nome resultante é importado para o português, esse nome em português dá origem a outro verbo o qual difere do verbo em inglês. Esse método de análise de incorporação e formação de verbos denominais é mais plausivelmente compreendido através de um modelo construcionista de gramática que considere mecanismos sintáticos para a derivação lexical.

Empréstimos do inglês: estrutura sintática [n +n]

Até agora, observamos palavras simples e complexas que ocorrem no conjunto de empréstimos da língua inglesa no português brasileiro. Agora passaremos a ilustrar exemplos de palavras compostas e de como são incorporadas na língua-alvo, considerando que a língua de origem possui uma ordem linear de núcleo final, enquanto a língua final tem a configuração de língua de núcleo inicial. O foco principal aqui é a negociação do significado, considerando ou não a contribuição das partes internas do composto.

Office boy

Neste empréstimo, temos um caso em que o significado da expressão na estrutura da língua inglesa esteve ativado quando foi feita, em português, a abreviação para *boy*, pois a parte que sobreviveu, *boy*, o núcleo da expressão em inglês, carrega, em português, o significado da expressão inteira.

Street dance

Neste empréstimo, a propriedade semântica da palavra inglesa ‘dança de rua’ foi eliminada e sobreviveu a caracterização pelos passos específicos.

Pet shop

Neste empréstimo, ao entrar na língua portuguesa, a expressão *pet shop* não está sendo percebida como bimorfêmica pelos falantes de português, embora o significado em português corresponda ao do composto em inglês.

Babysitter

Alguns falantes de português chamam de *babysitter* (moças com um contrato a longo prazo), como era no Brasil o contrato da profissão de babá. Talvez a troca do termo *babá* por *babysitter* tenha se originado na crença de que o termo estrangeiro valorizaria os padrões desta cuidadora.

Pitbull

Pesquisando a origem da palavra *pitbull*, fica-se sabendo que, no século XIX¹⁹, esses e outros animais eram, para fins de divertimento, colocados dentro de um poço e postos a lutar uns contra os outros até a morte. A leitura dessa palavra pelo falante nativo de inglês que conhecia esse tipo de espetáculo incluía a informação de que *bull* significa ‘touro’ e *pit* significa ‘poço’, e o composto era decodificado composicionalmente. Para os falantes que desconhecem o espetáculo da rinha mortal, esse composto tornou-se totalmente opaco semanticamente, ou seja, idiomatizado.

O falante de português, por sua vez, decodifica a palavra *pitbull* como uma única unidade com o significado de ‘raça de cachorro’. A partir dessa idiomatização, falantes de português estão reanalisando o empréstimo nas suas duas metades *pit* e *bull*, encaixando-o na estrutura do português [n + n] (*peixe-boi*, *ferro-gusa*) e reutilizando a parte *pit* como núcleo das expressões debochadas como *pit-sogra*, *pit-namorado*, *pit-pai*, *pit-babá*, *pit-bicha* e *pit-bebê* (ALMEIDA & GONÇALVES, 2013). Nessas expressões, a parte *pit* é o núcleo e a segunda funciona como modificador.

Hamburger

A palavra *hamburger*, em inglês, vem como empréstimo da expressão alemã *hamburg steak* (bife de Hamburgo). Em inglês, o nome *hamburgo* é interpretado como o núcleo da

19 Conferir em https://pt.wikipedia.org/wiki/American_pit_bull_terrier

expressão e passa a denominar ou a carne ou o sanduíche (*hamburger*)²⁰, perdendo o significado de cidade. Em português, há o empréstimo do nome, que denota, assim como em inglês, um tipo de sanduíche de carne.

Cheeseburger

Na língua inglesa, o nome *hamburger* ganha uma versão mais curta: *burger*. Essa versão passa a ser usada para formar outras palavras, como, por exemplo, o vocábulo *cheeseburger*²¹. Esse item é lido semanticamente tendo o componente *burguer* como núcleo e o componente *cheese* como modificador. Essa relação sintática também ocorre em casos como *vegan burger* e *bean burger*.

Em português, observa-se uma invenção sintática recente: *Xis-tudo*. Isso se refere a um grande sanduíche contendo um pouco de tudo (pão, carne, alface, tomate, queijo, presunto, ovo, bacon). Estruturalmente, os falantes estão lendo essa palavra de modo que o núcleo é o *Xis* e o *tudo* é o modificador. Nessa invenção, a relação sintaxe/semântica do inglês foi invertida no português, uma vez que em inglês *cheeseburger* tem o núcleo na segunda palavra e em português *Xis-tudo* e *Xis-salada* têm o núcleo em *Xis*, a primeira palavra. Ou seja, nós entendemos que se trata de um *Xis* feito de tudo, com todos os ingredientes disponíveis. Nesse caso a criatividade do importador do empréstimo está muito clara, pois ele brincou com a palavra inglesa *cheese* que significa *queijo*, privando-a do seu significado, e além de dar-lhe outra referência, *Xis*, completamente diferente, deu-lhe também um papel sintático diferente, pois o nosso *Xis* é núcleo e *cheese* na expressão inglesa *cheeseburger* é modificador de *burger*. A comicidade dessa inversão de ordem dos papéis semânticos entre o português e o inglês é incrementada pela homonímia entre *cheese* e *xis* em *cheeseburger* e *Xis-tudo*, respectivamente.

Essa família de dados nos fornece uma demonstração de que as estruturas linguísticas produzidas na língua portuguesa resultam muito mais de jogos estruturais na gramática do que da introdução dos fatos culturais da arte culinária nas invenções linguísticas.

Test drive

No inglês, o núcleo do composto *test drive* é *drive*, ou seja, uma ação de dirigir um carro para testá-lo. Já o núcleo de *test drive* em português é *test*, um teste aplicado a um ato de dirigir carro, considerando que a ordem do português é núcleo inicial e temos a expressão pluralizada *testes drives*²².

20 Conferir em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/hamburger>

21 Conferir em <https://www.etymonline.com/word/hamburger>

22 Exemplo retirado de <https://portogente.com.br/noticias-corporativas/113623-Por%20que%20%C3%A9%20importante%20realizar%20testes%20drives%20antes%20de%20comprar%20um%20ve%C3%ADculo?> em 26 de mai. 2021.

Assim como, em *cheese sandwich*, *cheese* modifica *sandwich*, em *test drive*, *test* modifica *drive* em inglês. Em português, assim como em *Xis-tudo*, *tudo* modifica *Xis*, em *test drive*, *drive* modifica *test*. A importância semântica da palavra *drive* em português é secundária, porque ela está em posição de modificador e não na posição de núcleo. Uma demonstração pitoresca do caráter semântico secundário da palavra *drive* é que a expressão *test drive* está servindo para fazer referência à primeira testagem de namorada, receita de comida, aparelhos eletrônicos, programas de computador e tudo o mais.

Shopping mall/center

Cabe notar que no empréstimo *shopping mall/center*, que se tornou, em português, *shopping*, foi deletada a segunda palavra, que pode ter acontecido, porque a primeira é lida como núcleo da construção.

Reality show

Na língua inglesa, a expressão *reality show* significa literalmente *demonstração da realidade*; a seguir passou a significar programas televisivos que vasculham detalhes da vida de pessoas, famosas ou não, um significado não composicional. O português importou somente o significado idiomático do composto nominal.

Playboy

Na língua inglesa, a expressão *play boy* significa literalmente *menino brincalhão*; a seguir passou a significar ‘meninos ricos que dedicam seu tempo a festas, compras e namoros fúteis’. Em português, o empréstimo está limitado ao significado idiomático. Assim como nos exemplos acima, em *play boy* desaparece o *boy*, porque pela leitura convidada pela gramática do português, *boy* é o modificador, e, portanto, é dispensável.

Playground

Na língua inglesa, a expressão *play ground* significa literalmente *ground para play*, ou seja, área para brincar. Assim como nos exemplos acima, em português, em *play ground* desaparece o *ground*, porque pela leitura predominante na gramática do português, *ground* passa a ser lido como o modificador, e, portanto, pode ser omitido.

O resultado dos dois últimos empréstimos examinados - *play boy* e *play ground*, após a omissão da segunda palavra, é uma palavra estranhamente polissêmica, *play*, que significa ‘meninos ricos que dedicam seu tempo a festas, compra de roupas caras e namoros’ e também ‘área externa para crianças brincarem’.

Quando o significado da construção em inglês é idiomático, ela entra no português como unidade indivisível do ponto de vista semântico. Ainda neste caso, temos o termo *riocard*, que obviamente é uma criação nativa, na qual o modelo sintático é [n1 + n2] com o núcleo semântico em n2. A contribuição semântica do n1 é a de qualquer modificador. Essa estrutura é bem absorvida em português, pois temos, em português, construções como *velha-guarda*, *alto-escalão*, *livre-atirador* e *piano-bar* todas elas construções em que a ordem da semântica é modificador-núcleo.

Nesses inúmeros casos de incorporação de compostos do inglês no português, observamos uma completa falta de isomorfia entre os mecanismos utilizados em uma língua e noutra ao tratar a formação e derivação dessas palavras.

Para finalizar o compartilhamento e análise de dados, vejamos, brevemente, um par que se comporta como advérbio na língua-alvo e que possui recortes internos diferentes nas duas línguas, embora o significado final seja compartilhado.

Empréstimo de advérbio

Em inglês, os significados de *on-line* e *off-line* relativos a qualquer sistema de transportes precederam, evidentemente, os significados relativos à internet. Em português, essas duas palavras referem-se a um modo de atividade na rede de internet. Aparentemente, os falantes de português percebem que essas duas palavras – em português, advérbios – são antônimas. Essa antonímia é percebida pela semântica, e podemos supor que o falante formule uma hipótese pela qual o contraste semântico seja atribuído às sílabas iniciais (talvez prefixais) diferentes nesses dois advérbios, ainda que não atribua um significado regular a essas sílabas.

Considerações finais

Decorrente da apresentação das construções e breves análises morfossemânticas apresentadas, podemos observar que, no processo de importação de palavras, as coisas se passam como se em um breve contato entre um falante da língua A e um falante da língua B, o falante de B adotasse um segmento fonológico da língua do falante A, utilizado num determinado contexto sintático, e depois desse instante efêmero o falante de A torna-se irrelevante e, a partir daí, todos os processos sintáticos possíveis passam a ser pautados pela gramática do português.

O que vimos no estudo dos empréstimos de palavras simples foi que o que chega na língua portuguesa a partir do inglês é, em cada caso de empréstimos, uma parte apenas das possibilidades categoriais e contextuais da palavra na língua de origem. Vimos isso nos exemplos *closet*, *paper*, *feeling*, *point*.

Vimos também que na maioria das vezes o uso das palavras importadas é inovador em relação ao da língua de origem. Essa situação foi encontrada nas palavras *night*, *outdoor*, *show*. A inovação pode consistir também na criação de um derivado na língua alvo, como em

upgreidear, checapear, linkar, escanear, espreiar, que são verbos formados já no português a partir dos seus respectivos nomes (*upgrade, check-up, link, scanner e spray*).

A análise dos empréstimos de compostos sintáticos é mais reveladora ainda sobre a prioridade epistemológica do falante importador dos empréstimos. Vimos que os falantes deletam, idiomatizam, redecompõem, invertem a ordem linear de peças funcionais e criam, a partir de expressões idiomáticas, novas expressões com leitura composicional das peças estrangeiras.

O uso da língua nativa pelo falante que incorpora empréstimos se assemelha ao uso da Gramática Universal pela criança no seu processo de aquisição de língua, processo este muito semelhante ao que encontramos nos estudos sobre mudança linguística em Gramática Gerativa.

Foi possível compreender a opção pela alternativa teórica do modelo construcionista de Gramática Gerativa – A Morfologia Distribuída – já que as análises estão pautadas na predição de que a formação de palavras compartilha os mecanismos de formação de unidades maiores que a palavra nesse modelo teórico. Além disso, esse arcabouço teórico nos fornece pistas mais precisas sobre a negociação dos significados em palavras, o que explica particularidades que ocorrem nesse âmbito, quando focalizamos as palavras emprestadas nas línguas, bem como os caminhos que percorrem o fenômeno da categorização de palavras, no sentido mais amplo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L. L.; GONÇALVES, C. A. V. Mudanças tecno-econômicas e seus reflexos no português brasileiro: as formações lexicais com partículas do inglês. In: SILVA, A. S.; MARTINS, J. C.; MAGALHÃES, L.; GONÇALVES, M. (orgs.). *Comunicação política e econômica: dimensões cognitivas e discursivas*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2013, p. 397-408.

ARAD, M. Locality constraints on the interpretation of roots: The case of Hebrew denominal verbs. *Natural Language & Linguistic Theory* 21(4). 737–778. 2003.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Current Studies in Linguistics. MIT Press, Cambridge, Massachusetts. 1995

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Positivo Soluções Didáticas, 5a ed. 2010.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], Priberam Informática, S.A, 2008-2021.

EMBICK, D; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In. RAMCHAND. G; REISS, C (eds.) *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*, Oxford University Press. pp.289-324, 2007.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.) *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HALLE, M.; MARANTZ, A. 'Some key features of Distributed Morphology.' In ed. CARNIE, A; HARLEY, H.(eds.), *MITWPL 21: Papers on phonology and morphology*. MITWPL, Cambridge, 275-288, 1994.

HARLEY, H. Semantics in Distributed Morphology. In MAIENBORN, C., VON HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (eds.), *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*, v. 3. p. 2151-2172. Berlin: Mouton de Gruyter. 2012

HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed Morphology. *GLOT 4.4*, April, p. 3–9, 1999.

HASPELMATH, M. Lexical borrowing: Concepts and issues. In HASPELMATH, M.; TADMOR, U. (eds). *Loanwords in the world's languages: A comparative handbook.*, 35–54. Berlin: de Gruyter. 2009.

JOTTA, D. Empréstimos linguísticos: significados e formas. Trabalho apresentado no *XI Seminário de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLing/UFRJ). Rio de Janeiro, 2012.

MARANTZ, A. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 201–225, University of Pennsylvania, 1997.

MARANTZ, A. A late note on late insertion. In KIM et. al (eds), *A festschrift for Dong-Whee Yang: Explorations in generative grammar*. Hankuk Publishing Co., Seoul, pp. 396-413. 1994.

MARANTZ, A. Words. *20th West Coast Conference on Formal Linguistics*, 2001.

MARANTZ, A. Verbal argument structure: Events and participants. *Lingua*, v. 130, p. 152 – 168, Junho 2013.

Oxford Dictionary of English. Oxford University Press, 2009-2021. MobiSystems, Inc.

SILVA, E. L. *Estudo do mecanismo de criação neológica na obra de Guimarães Rosa*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - Faculdade de Letras - Programa de Pós-graduação em Linguística, 2011.

THOMASON, S. *Language contact: An introduction*. Edinburgh: Edinburgh Univ. Press. 2001.